

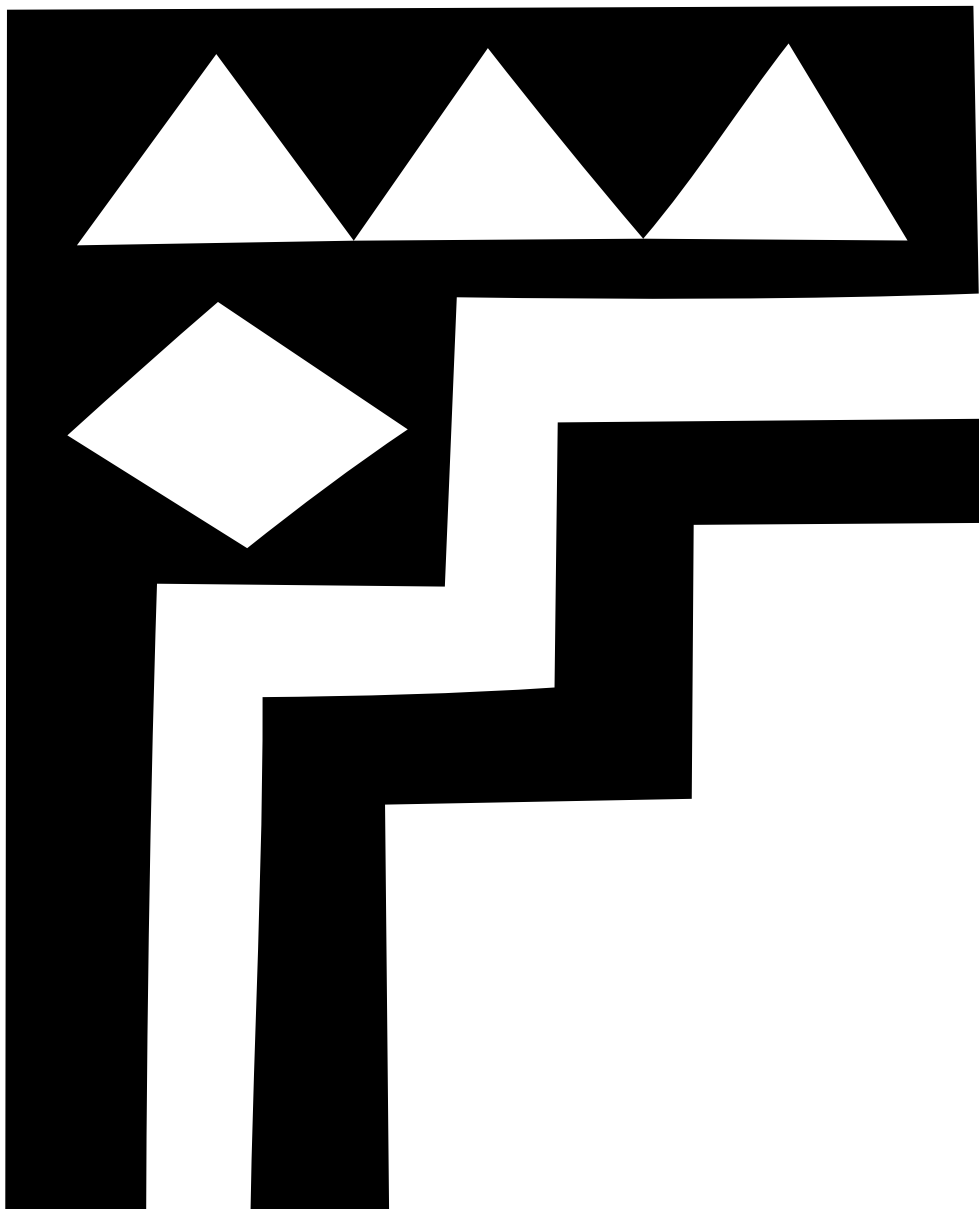
**caderno de
educação**

**ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

1995—2013

4

a força das raízes







É com imensa satisfação e orgulho que apresentamos esta edição comemorativa que reúne todos os Cadernos de Educação publicados pelo Ilê Aiyê. Esta coleção simboliza a centralidade do projeto de educação, reparação histórica e afirmação das dimensões afro-brasileiras.

A parceria com a Fundação Cultural Palmares do Ministério da Cultura e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) do Ministério da Educação reforça a importância histórica e a relevância política, artística e cultural dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê. Essa iniciativa se alinha a uma prática de extensão que enxerga a educação como um processo de transformação social, promovendo a valorização e o reconhecimento da cultura afro-brasileira.

Assim como o Ilê Aiyê, que, a partir do Carnaval Negro e da potência criativa de J. Cunha, ressignificou a maior festa popular da Bahia, os Cadernos de Educação buscam conectar a educação às raízes culturais e históricas do povo negro. A Associação Cultural Ilê Aiyê, desde sua fundação há 50 anos, surgiu da luta por repre-

prefácio

sentatividade e pela valorização da cultura afro-brasileira. Com sua atuação no bairro da Liberdade, o Ilê Aiyê transformou seu espaço em um território de resistência e educação, criando a escola comunitária Mãe Hilda e a Band'Erê, com seu modelo pedagógico inovador baseado na cultura e na História do povo negro no Brasil.

O Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, criado em 1995, expandiu essas ações para outras escolas da comunidade, capacitando professores e educadores a abordar a História e a cultura afro-brasileira em sala de aula. Esse projeto, assim como os Cadernos de Educação, promove o desenvolvimento de uma consciência de pluralidade cultural, combatendo o racismo e reforçando a importância da ancestralidade e da identidade negra.

O compromisso da UFRB com esse projeto reflete sua missão de promover a inclusão e a valorização das culturas de matrizes africanas, colaborando com a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Que esta edição comemorativa dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê inspire educadores, estudantes e toda a comunidade acadêmica a continuar a luta por um mundo melhor e sem racismo, celebrando a riqueza e a diversidade das culturas afro-brasileiras.

prof. danillo barata
pró-reitor de extensão e cultura da ufrb

1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

PROJETO DE EXTENSAO PEDAGÓGICA DO ILÊ AIYÊ

Arany Santana

ensaio

¹ Termo regional, que significa reforço escolar.

² O *deburù*, também conhecido como flor do velho ou pipoca do velho, é uma expressão utilizada pelos Povos de Terreiro.

A década de 1980 foi crucial para a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação ao incluir oficialmente a obrigatoriedade do ensino de História da cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar, mas pouca gente sabe que a implementação dessa política pública nacional, que só se deu em 2003, teve a Bahia como pioneira.

Impulsionada pela pressão dos movimentos populares, fruto de incansável exigência do Movimento Negro Unificado, criado em 1978, somado aos terreiros de *candomblé* e ao primeiro bloco afro do Brasil, *Ilê Aiyê*, as Universidades Federal e Estadual da Bahia, mas, sobretudo, o Estado se viu tensionado, desde 1985, a inserir a temática na pauta das políticas públicas educacionais.

A audácia do *Ilê Aiyê*, que já em seu primeiro desfile, em 1975, em plena ditadura militar, desvelou o racismo no Brasil, exaltou a beleza e a força de heróis e heroínas da resistência negra — bem como a magnitude de reinos africanos, conteúdo nunca apresentado em sala de aula, traduzido sob o prisma de canções de forte impacto — gerou um movimento inédito de busca por parte de estudantes e professores das escolas do bairro da Liberdade por informações sobre as temáticas abordadas pelo bloco. Diante desse fato inesperado, a diretoria do *Ilê* se viu compelida a pensar ações que sistematizassem esse conhecimento. Era uma resposta à visão estereotipada dos

livros didáticos e da abordagem eurocentrada da História. Que História é essa que ecoava das canções do Ilê e firmava desde um novo padrão de beleza à valorização e salvaguarda das religiões de matriz africana?

A mentalidade visionária de Mãe Hilda Jitolu foi a mola propulsora do projeto educacional do bloco. A princípio, o pedido da matriarca era acolher crianças que passavam grande parte do tempo na rua, oferecendo-lhes banca¹, já que sua filha Hildelice tinha formação em Magistério. A partir de então, constatou-se que esses alunos, para além do déficit em leitura e escrita, eram, em sua grande maioria, expulsos da rede escolar por sua multirrepetência, sendo, portanto, inquietos, indisciplinados, ou seja, fora do padrão esperado pelo sistema educacional. Por outro lado, o encantamento dessas crianças pelas músicas entoadas pelo Ilê Aiyê facilitava o processo de alfabetização.

Em 1985, diante da crescente pressão, o Conselho Estadual de Educação do Estado da Bahia aprovou a lei, logo sancionada, que inseria a “Introdução ao Estudo da História e das Culturas Africanas” nos currículos das escolas públicas e privadas.

No ano seguinte, 1986, uma comissão coordenada pela professora da UFBA, Eugênia Lúcia Viana Neri, composta por técnicos e professores dessa mesma universidade, além da Uneb e da Secretaria de Educação, implementou o primeiro curso de especialização em História da África, voltado para 30 professores de História da rede pública e dez membros de organizações negras de Salvador, desde que portadores de diploma de nível superior.

Pouco tempo depois, o barracão do Ilê Axé Jitolu já estava repleto de crianças sentadas em carteiras doadas pelo

então Secretário de Educação do Estado, Professor Dr. Edivaldo Machado Boaventura, que tornou realidade o sonho de Mãe Hilda em ver seu espaço sagrado transformado em escola, fato concretizado em 1988, quando nasce a Escola Mãe Hilda. Foi pelas mãos desse mesmo gestor que, em 1987, a disciplina de História da África foi implementada em dez escolas públicas de Salvador, mais precisamente em bairros periféricos de concentração da população negra. Tal política, infelizmente, durou apenas um ano. Com a mudança do governo e de todo o secretariado, a disciplina foi banida dos currículos, dependendo tão somente da boa vontade de alguns professores, que, sem nenhum apoio, sustentaram a temática por mais dois anos.

Na contramão do movimento governamental, o barracão do Ilê Axé Jitolu se tornou pequeno para o número de estudantes que crescia a cada ano, obrigando a escola ocupar outros espaços do terreiro. As músicas eram o instrumento pedagógico que transformou a escola num espaço de alegria, ludicidade e identidade.

Assim como manda a tradição do candomblé, Mãe Hilda fazia questão de usar recursos próprios para preparar uma farta mesa com a merenda das crianças, sendo essa geralmente vinculada aos orixás. Dessa forma, por exemplo, às segundas-feiras, oferecia-se pipoca, fazendo a alegria geral da criançada. Mãe Hilda aproveitava esses momentos para mostrar, com orgulho, que a “flor²” do velho Obaluayê era a comida do dono de sua cabeça e patrono do terreiro. Importante reforçar que foram incontáveis os momentos em que que flagrávamos Mãe Hilda Jitolu observando e admirando as aulas pelas frestas da porta entreaberta, sem que na maioria das vezes fosse notada pelos alunos.

O BARRACÃO DO ILÊ AXÉ JITOLU SE TORNOU PEQUENO PARA O NÚMERO DE ESTUDANTES QUE CRESCIA A CADA ANO, OBRIGANDO A ESCOLA A OCUPAR OUTROS ESPAÇOS DO TERREIRO

A grande revolução da Escola Mãe Hilda se deu pela transformação de um espaço votivo em escola, oferecendo acolhimento a estudantes renegados pelo sistema escolar, agora felizes e aprendendo, para além do currículo formal, o respeito por uma religião secularmente discriminada e, sobretudo, a valorização da história de sua ancestralidade negra, desprezada até hoje por grande parte das escolas do país.

O sucesso metodológico da escola resultou na mudança comportamental dos alunos, que, devido ao espaço sagrado que frequentavam, aprendiam sobre o respeito mútuo, o respeito às diferenças, mas, sobretudo, o respeito aos mais velhos. Se tornou rotina os alunos pedirem a benção ao adentrar o ambiente escolar, fundamento vital das religiões

de matriz africana, de modo que não tardou para que essas crianças, então alfabetizadas, passassem a ser disputadas por escolas da região.

Foi a partir dessa exitosa experiência que, mais uma vez, a professora Eugênia Lúcia, em 1995, na maioria do bloco, chamou o presidente Vovô à responsabilidade de produzir material didático a partir da ótica dos carnavais do Ilê, assegurando a permanência da temática africana e afro-brasileira nos currículos das escolas da Liberdade e adjacências, promovendo conhecimento para os alunos e a capacitação de professores das redes municipal e estadual daquela região.

Nascia assim o Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, materializado em seus *Cadernos de Educação*, contando com um time de peso de professores, dentre eles, Jaime Sodré, Makota Valdina Pinto, Jorge Conceição, Ana Célia da Silva, Maria de Lourdes Siqueira, Lindinalva Barbosa, sob a coordenação de Arany Santana e Jônatas Conceição. A qualidade do projeto atraiu importantes parceiros como a Fundação Odebrecht e as Secretarias Municipal e Estadual de Educação da Bahia, além de render o prêmio de terceiro melhor projeto pedagógico do Brasil pelo Itaú – UNICEF.

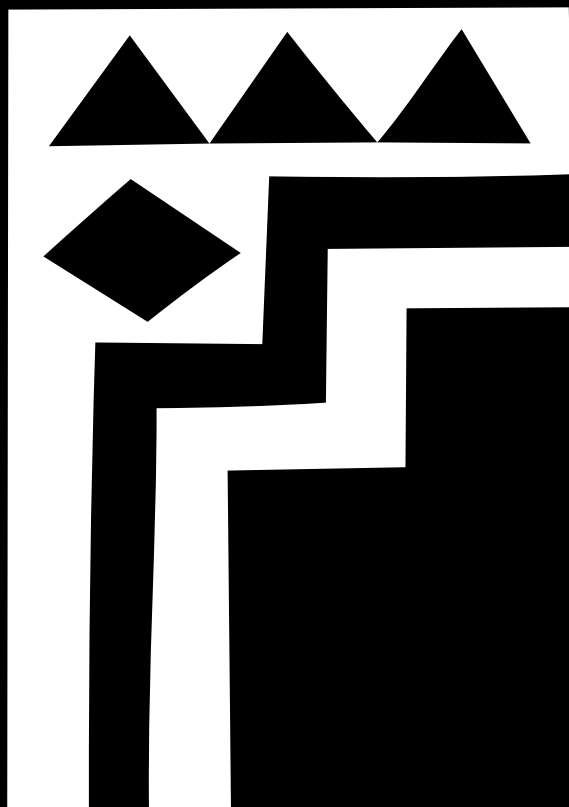
Somado à escola Mãe Hilda, o Projeto envolveu professores, dirigentes, coordenadores e supervisores das seis maiores escolas da Liberdade e entorno. Contemplou mais de três mil alunos, capacitou sessenta professores, que, por meio do conhecimento, puderam rever seus conceitos, suas convicções e crescer enquanto seres humanos.

Diante do sucesso, o curso foi estendido para dirigentes e assessores de blocos afros e afoxés, povos de santo, membros de associações culturais e grupos de capoeira que agora adentravam o espaço do Centro de Estudos Afro-O-

rientais, o CEAO, da Universidade Federal da Bahia, para receber essa capacitação.

O icônico tema do primeiro Caderno de Educação, fruto do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, não poderia ser outro senão “Organizações de Resistência Negra”. O material apresentava as mais importantes organizações negras brasileiras, desde o século XVI até a fundação do Ilê Aiyê, e já contava com o design gráfico do magistral artista plástico J. Cunha, que chegara no bloco muito antes, criando em 1978 sua identidade visual, o emblemático Perfil Azeviche. A partir de 1980, Cunha passou a desenvolver o design dos tecidos do bloco, finalizando a conjugação perfeita entre a transformação política, estética e, mais tarde, educacional do Ilê Aiyê, indo muito além do âmbito local de Salvador e tornando-se um marco nacional, quiçá internacional.

Era, enfim, o grito da raça ecoando, reescrevendo a história de nossos antepassados, elevando a autoestima de nossas crianças, num movimento revolucionário que mudou a mentalidade e a paisagem urbana de Salvador.



sumário

4	prefácio
6	ensaio
16	apresentação
19	o universo do candomblé
25	correspondência entre nações de candomblé
29	hierarquia da comunidade
33	as entidades, as energias
48	a dimensão religiosa do ilê aiyê
56	religião: religare – diversas formas de união

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

A FORÇA DAS RAÍZES

**Coordenação do Projeto de Extensão
Pedagógica do Ilê Aiyê**

*A Hilda Dias dos Santos - nossa mãe preta -
E a todos irmãos e irmãs das nossas raízes.*

apresentação

“A Força das Raízes”, quarto volume da série Caderno de Educação do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, contempla um universo por demais importante para os descendentes de africanos no Brasil: o do fenômeno religioso.

As religiões afro-brasileiras, conhecidas genericamente na Bahia por Candomblé, foram e são os meios e caminhos mais privilegiados para que a população de ascendência africana no Brasil preservasse e expandisse o seu patrimônio civilizatório. Até por isso mesmo, ontem, como hoje, estas religiões têm sofrido ao longo dos séculos de formação da sociedade brasileira muita discriminação, distorção e perseguição.

É por saber da importância das religiões afro-brasileiras para o processo de construção de uma consciência de identidade étnica com autoestima e cidadania que o Ilê Aiyê, através do seu Projeto de Extensão Pedagógica, dá a sua contribuição para o maior e melhor conhecimento do “Universo do Candomblé”.

Este volume consta de textos teóricos das professoras e educadoras do Ilê Aiyê Valdina Pinto, Maria de Lourdes Siqueira e Ana Célia da Silva.

Nos textos, você vai conhecer o universo do Candomblé com suas Entidades e Hierarquia da Comunidade nos Terreiros, vai conhecer algumas entidades que são cultuadas no Candomblé da Bahia pelas Nações de Angola, Jêje e Ketu, splendidamente captadas pelo traço do artista plástico J. Cunha; e, finalmente, irá perceber “A Dimensão Religiosa do Ilê Aiyê” e refletir sobre como reverter o quadro atual da imposição de uma única matriz religiosa nos currículos de ensino.

Queremos registrar que este Caderno sobre Religião começou a ser elaborado a partir da experiência empreendida pelas professoras Lindinalva Barbosa e Maria de Lourdes Siqueira, em 1995, nas sessões sobre cultura afro-brasileira realizadas pelo Projeto na Escola Band’Erê e Escola Mãe Hilda.

Axé, Dezembro de 1996,

Coordenação do Projeto de Extensão Pedagógica do

1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

01

O universo do candomblé

Valdina Pinto

Ilê Aiyê

Do século XVI ao século XIX, vários grupos étnicos foram trazidos para o Brasil. Dentre todos, os que mais contribuíram para a formação da religiosidade brasileira foram os vários grupos vindos a partir do século XVI de regiões que integravam o vasto reino do Congo, sobretudo os Kongo e os Ambundu, grupos atualmente denominados Bantu em função do grupo linguístico; os Ewe-fon, de regiões do antigo Dahomé, e os Nago-Yorubá da Nigéria, principalmente entre os séculos XVIII e XIX. Anterior à chegada de estrangeiros no século XV, esses povos já haviam experimentado trocas interculturais e processos diversos de organizações sociais, econômicas entre si e com outros povos, sobretudo no norte da África com os árabes. Tinham já acumulado desde seus grupos precursores, seus ancestrais, conhecimentos e tradições milenares. Possuíam um profundo pensar, uma forma de conceber o mundo que os cercava e, conforme a realidade regional, o estágio de organização e desenvolvimento em que se encontravam tinham suas formas de codificar, comunicar, expressar seus pensamentos, sentimentos e suas crenças. Tudo isso de forma não inferior ao estrangeiro, apenas diferente. A falta de respeito, de compreensão e consideração ao modo de ser do elemento africano e a intenção de dominar impondo a sua cultura, os seus valores, por parte dos estrangeiros europeus constituem a principal causa das visões distorcidas e concepções

errôneas acerca de tudo o quanto se refere às heranças dos povos africanos dispersos pela diáspora, sobretudo às heranças religiosas.

As formas de que se valem os africanos tradicionais para explicar, para expressar o que pensam, o que sentem em relação ao sobrenatural são diversas: provérbios, lendas, mitos, narrações, até mesmo fatos, acontecimentos da própria vida, uma vez que a forma de religiosidade tradicional africana não é dissociada dos contextos da vida. Mundo natural, físico e mundo sobrenatural coexistem, interagem, se interrelacionam. A natureza com os seus elementos e fenômenos constitui a essência das religiões tradicionais africanas e afro-brasileiras, uma vez que é criação do Ser incriado, preexistente, completo em si mesmo, com capacidade de dar vida a tudo por si criado.

Conforme a língua falada pelos diversos grupos, este Ser recebe várias denominações. Entre nós, sobrevivem os termos: Zambi, Zambiapongo ou Zambiapongo (Banto), Olorum (Yoruba), Mawu (Ewe) para se referir a Deus, o Criador. A natureza é vida e o ser humano é parte da natureza criada; a força, a energia e o poder vital para a existência do ser humano se encontram nos elementos naturais - minerais, vegetais, animais e em si próprio. Essa essência vital, essa energia, essa força invisível e sobrenatural se manifesta, interage com os seres humanos na forma dos Inkissi, Vodum ou Orixá. Através dessas energias, os adeptos do Candomblé se interrelacionam com o mundo sobrenatural quer seja pela incorporação dessas energias, quer sejam por meio dos elementos naturais que se originam dessas energias.

Além dos Inkissi, Vodum ou Orixá, o mundo sobrenatural, invisível, é concebido também como o mundo dos an-

tepassados ancestrais, bem como dos espíritos dos mortos contemporâneos que entre nós são os vumbi, os avalu, os kotitó e os egum, conforme a tradição oral dos terreiros das várias nações.

Do tempo das senzalas até os nossos dias, a religiosidade, as crenças, as formas de culto trazidas da África têm-se desenvolvido e se manifestado de modo diferenciado conforme as dimensões do espaço-tempo; é evidente que, à época das senzalas e dos quilombos, não se tinha a forma de organização como os Terreiros de Candomblé atuais e, possivelmente, ainda que já houvesse interferência das culturas indígenas e europeias, é certo que muito mais elementos culturais africanos compunham o universo desta religiosidade.

O processo de organização da religiosidade africana construída na Bahia, sobretudo a partir da concentração de negros em regiões urbanas para serviços domésticos e de ganho, resultou no que hoje existe que são as nações de Candomblé; podemos citar, como principais grupos formadores da nação Angola, que melhor seria dizer Congo-Angola, os Bakongo e os Ambundu, uma vez que a maior parte do vocabulário contido nas rezas, nos cânticos e nos termos ritualísticos são das línguas Kikongo e Kimbundo. Entretanto, só um conhecimento mais vasto das línguas dos demais grupos Bantu poderia indicar todo o universo étnico que contribuiu para a existência da Nação do Candomblé Angola entre nós; quanto à Nação Jêje e à nação Ketu, a contribuição dos Ewe-fon e Yoruba, respectivamente, tem sido ressaltada por pesquisadores que têm-se dedicado ao registro das práticas dessas nações.

Por conta das pesquisas centralizadas no Candomblé

de Ketu, há uma tendência a se pensar que estes são os mais puros, o que não é verdade. Existem, sim, terreiros das diversas nações que, à custa de muita resistência e dificuldade diante do contexto sócio-econômico-cultural dos nossos dias, ainda procuram conservar suas tradições, seus rituais conforme a cultura matriz da nação, e tantos outros que vão-se mesclando e apresentando uma forma mais sincrética entre nações. Isso vem ocorrendo, sobretudo, nos últimos tempos com o surgimento de algumas novas lideranças religiosas; na maioria dos casos, a falta de aprendizagem e de capacidade tem contribuído para isso

Além do culto aos Inkissi, Vodum e Orixá, grande parte dos terreiros de Candomblé na Bahia cultua também os Caboclos, uma vez que muitas pessoas iniciadas no Candomblé, além de incorporar seu Inkissi, Vodum ou Orixá, incorporam também um Caboclo que, entre o povo de santo, uns dizem ser

“encantados” e outros, que são os espíritos ancestrais dos indígenas brasileiros.

O culto aos Caboclos sempre foi frequente nos Terreiros de Nação Angola, o que é compreensível pois os Bantu, na sua maioria, tiveram um contato mais próximo com os índios e durante muito mais tempo. Por outro lado, tinham consciência de serem os índios os reais donos da Terra. Atualmente, o que se observa é que cada vez mais pessoas iniciadas em outras nações incorporam Caboclo ou “recebem” e “dão” Caboclo, usando a terminologia mais frequente entre o povo de Candomblé. Mas, o culto aos Caboclos difere dos cultos de matriz africana pois não utiliza os mesmos rituais do Inkissi, Vodum ou Orixá; as cantigas são, na maioria, em língua portuguesa, mesclada às vezes

de alguns termos africanos de línguas Bantu e dialetos de línguas indígenas ou “línguas de Caboclo”.

Ainda existe muita resistência por parte de alguns terreiros em não querer e não admitir o culto aos Caboclos, talvez para mostrar uma “pureza” africana; entretanto, pessoas dessas casas os incorporam e recorrem a terreiros para cuidar do seu Caboclo. Mas, uma coisa deve ser bem evidente: o culto aos Caboclos nos Terreiros de Angola difere do culto aos Inkissi e não é correto, durante as festas de Caboclo, utilizar as cantigas dos Inkissi, fato que muitos terreiros fazem, como também nas festas de Inkissi, Vodum ou Orixá se cantar para o Caboclo.

Por conta dos mecanismos de racismo e preconceito em relação aos descendentes de africanos e a tudo relativo ao seu patrimônio civilizatório, as religiões afro-brasileiras têm sofrido ao longo dos séculos de formação da sociedade brasileira muita discriminação e distorção. À medida em que o povo brasileiro se conscientize da sua descendência africana e de que nosso patrimônio civilizatório é diferente, mas não inferior, as religiões afro-brasileiras serão vistas com mais respeito e muitos dos seus adeptos não terão vergonha de se revelar praticante do Candomblé, Xangô, Candombe, Umbanda, Batuque ou qualquer outra denominação existente em todo o Brasil.

1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

02

Correspondência entre nações de candomblé

Salvador – Bahia

	ANGOLA	JÊJE	KETU
Ser Criador Deus	Zambi, Zambiapungo	Mawu	Olorum
Ancestrais	Bakulu		Oku-Orum
Espirito do Morto	Vumbi	Kotô	Egun
Entidades força/ energias	Inkissi	Vodun	Orixá
Entidade Criança	Vunji	Bêji	Erê
Gêmeos	Mabaça		Ibeji
Entidade dos Caminhos	Bombojira, Unjira	Elegbara	Exu
Entidade, Energia do ferro, dos metais, o condutor da floresta	Inkóssi Mukumbi, Rôji Mukumbi	Gu	Ogun
Entidade das matas, dos animais	Mutakamlombô, Motalombô	Agangafolu	Oxossi
Entidade das matas e das águas, dos animais terrestres e aquáticos	Gongombira	Jaossi	Logun Edé

	ANGOLA	JÊJE	KETU
Entidade. energia dos vegetais da essência das folhas	Katendê	Agué	Ossáyn
Entidade, Energia dos raios, do trovão	Zazi, Zaji, Lwangu	Sobô, Badé, Loko	Xangô, Airá, Iroko
Entidade, Energia da terra com domínio e poder sobre as doenças epidêmicas: a transmutação	Kavungu, Insumbu	Ajunsum	Obaluayê, Omolu
Entidade, Energia do ar, do movimento constante, o vento, a interação entre os vivos e os mortos	Tempu, Tembu Dembwa		Aruarô
Entidade, Energia responsável pela continuidade das águas, pelo ciclo d'água, a força da água, o arco-íris, a cobra, a cachoeira	Angarô, Angoromeian, Anvulá	Bessén	Oxumaré

	ANGOLA	JÊJE	KETU
Entidade, Energia da geração, da procriação, da pacificação	Lemba, Lembarenganga, Lembafurama	Olissa	Oxalá, Oxaguiã, Oxalufá
Entidade, Energia das tempestades, dos ventos, trovoadas	Bamburussema, Angorussema, Kaiango	Oya	Iansã
Entidade, Energia das águas, dos lagos, das fontes, dos rios	Dandalunda, Kissimbi. kiamaza	Aziri Tobossi	Oxum
Entidade, Energia do mar, dos peixes	Kaiála, Kaiarê	Azini, Kaiá	Iemanjá
Entidade, Energia dos pântanos, dos mangues	Mameto, Zumbá, Zumbanganga, Zumbá	Nanã, Buluku	Nanã

OBS: O quadro foi montado com base na tradição oral por mim conhecida, não constando vários nomes referentes as "qualidades de Inquissi, Vodun e Orixá conforme o falar dos antigos do Candomblé. **Valdina Pinto** Setembro, 1996

1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

03

Hierarquia da comunidade

Descrição	ANGOLA	KETU	JÊJE
A Líder da Comunidade (Mãe)	Nengwa de Inkissi	Iyalorixá	Doné
O Líder da Comunidade (Pai)	Tata de Inkissi	Babalorixá	Doté
Mãe Pequena da Comunidade	Mameto Kamukengue	Iyá Kekerê	Deré
Pai Pequeno da Comunidade	Tata Kamukengue	Babá Kekerê	
Homem confirmado mas que não incorpora a entidade; assessor do Pai ou Mãe da Comunidade às vezes com cargo específico.	Taata	Ogã	Ogã
Mulher confirmada mas que não incorpora a entidade; assessora do Pai ou Mãe da Comunidade às vezes com cargo específico.	Makota	Ekede	Ekede

Descrição	ANGOLA	KETU	JÊJE
Homem confirmado responsável pelos Atabaques e	Xicarangoma	Alabê	Runtó
Homem confirmado responsável pelo ritual dos animais.	Kassarangombe	Oxogun	Pejigan
Homem confirmado responsável pelas folhas	Taata Kinsaba	Babá Lossayn	
Homem confirmado responsável pelo ritual para os mortos/ancestrais	Taata Unzó Vumbé		
Homem confirmado responsável e auxiliar dos trabalhos ebós	Taata Kinsalo		
Mulher confirmada responsável pelas coisas do Axé.	Makota Angunzu		

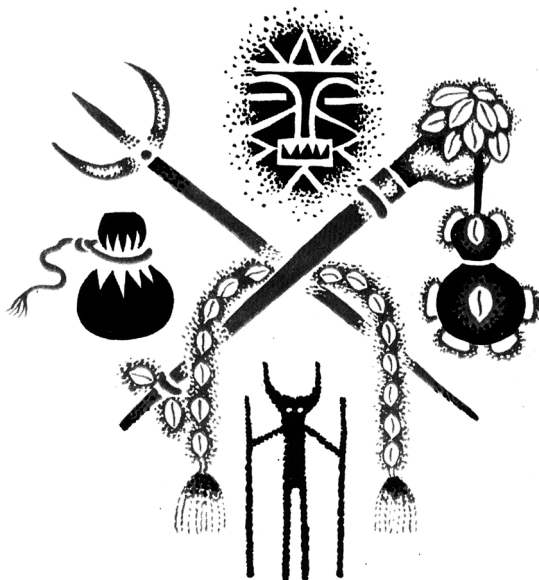
Descrição	ANGOLA	KETU	JÊJE
Mulher confirmada responsável pelas comidas rituais.	Kifumbera	Iyabassê	
Pai pequeno / Padrinho de alguém.	Tata Amungo		
Mãe pequena / Madrinha de alguém.	Mama Amungo	Ojuboná	
Irmão / Irmã mais velho(a).	Kota	Egbomi	Rumbono
Pessoa iniciada até 7 anos.	Muzenza	Iyáô	

1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

04

As entidades as energias



J. Cunha

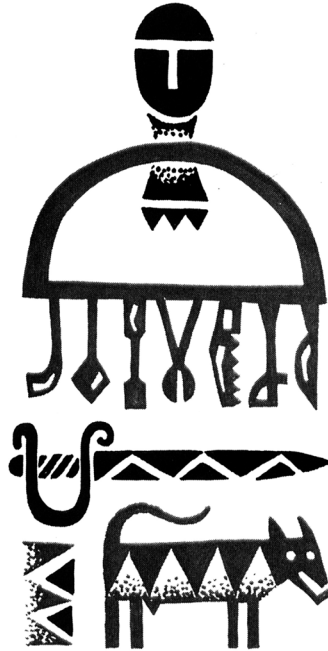
1. ENTIDADE DOS CAMINHOS

Angola: Bombojira, Unjira

Jêje: Elegbara

Ketu: Exu

É a entidade que tem o domínio dos caminhos, das estradas, é também o mensageiro de todas as entidades. Traz em si a dualidade do bem e do mal, do certo e do errado, do sim e do não, do desequilíbrio e do equilíbrio.



2. ENTIDADE, ENERGIA DO FERRO, DOS METAIS

Angola: Inkôssi Mukumbi, Rôji Mukumbi

Jêje: Gu

Ketu: Ogum

Entidade guerreira. A sua principal função é abrir caminhos para a vida. Tem o domínio do ferro e da forja. É patrono, guia dos ferreiros, agricultores, caçadores, marceneiros e carpinteiros.



J. Cunha

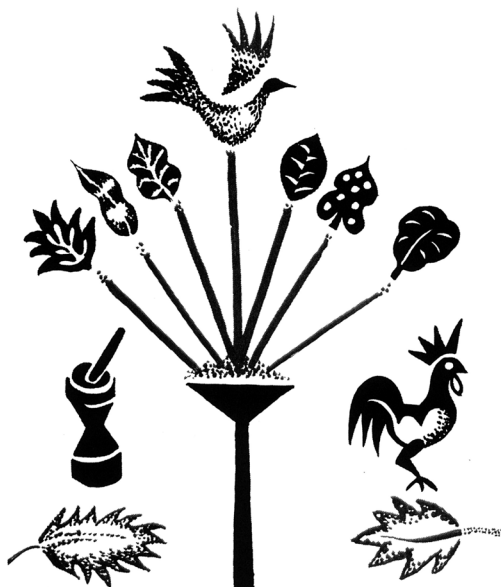
3. ENTIDADE DAS MATAS, DOS ANIMAIS:

Angola: Mutakamlombo, Mutalombo

Jêje: Agangatolu

Ketu: Oxossi

Entidade que protege os animais terrestres e as florestas. A ela é confiada a responsabilidade de trazer o alimento para casa e a proteção do espaço onde se edifica a casa. A principal ação da entidade é a ligação do homem com os animais terrestres e a floresta.



J. Cunha

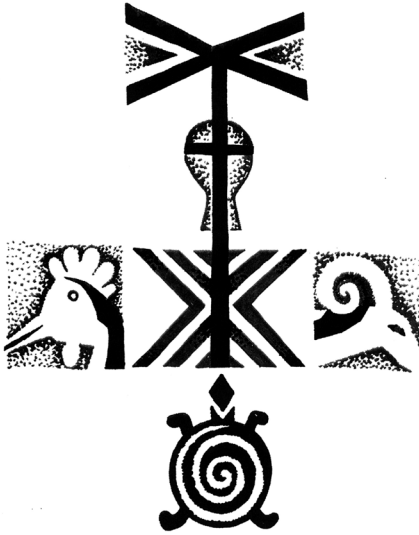
4. ENTIDADE, ENERGIA DOS VEGETAIS, DA ESSÊNCIA DAS FOLHAS

Angola: Katendê

Jêje: Agué

Ketu: Ossâyñ

Entidade que tem o domínio dos vegetais, das plantas sagradas, medicinais. Tem também o domínio das matas.



J. Cunha

5. ENTIDADE, ENERGIA DOS RAIOS, DO TROVÃO:

Angola: Zazi, Zaji, Lwangu

Jêje: Sobo, Badé, Loko

Ketu: Xangô, Airá, Iroko

A entidade da justiça. Protetora dos advogados. Tem o domínio dos raios, do trovão e do fogo. É guardiã das rochas e das pedras de todos os tamanhos. É a entidade que representa a realeza em toda a sua extensão. A entidade da riqueza.



J. Cunha

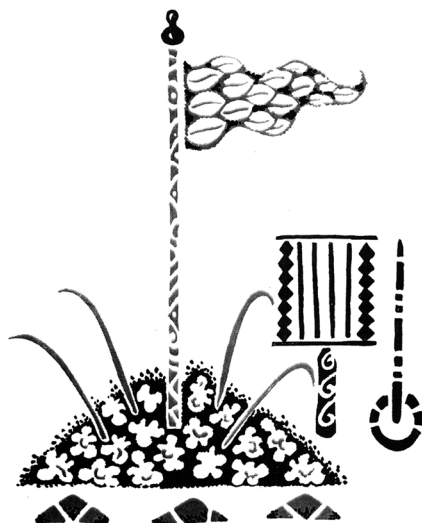
6. ENTIDADE, ENERGIA DA TERRA COM DOMÍNIO E PODER SOBRE AS DOENÇAS EPIDÊMICAS:

Angola: Kavungu, Insumbu

Jêje: Ajunsum

Ketu: Obaluayê, Omolu

Entidade que tem o domínio da terra, do solo. É a protetora da agricultura. Tem, também, o domínio da peste, das doenças epidêmicas. É a entidade que cuida da saúde. Dança vigorosamente, varrendo do mundo as doenças. A sua principal ação é a cura. A terra é o elemento da natureza que lhe pertence.



J. Cunha

7. ENTIDADE, ENERGIA DO AR, DO MOVIMENTO CONSTANTE:

Angola: Tempu, Tembu, Dembwa

Ketu: Aruarô

A entidade é o próprio vento. É cultuada no tempo, aos pés de uma árvore. Conforme a crença dos Bakongo, povo do antigo reino do Kongo, a parte da árvore acima do solo está ligada aos vivos e, as raízes, a parte abaixo do solo, está ligada aos mortos. Tem o domínio dos ventos, das tempestades, bem como o domínio sobre os mortos. Tem, também, o domínio das doenças do tempo.



J. Cunha

8. ENTIDADE, ENERGIA RESPONSÁVEL PELA CONTINUIDADE, PELO CICLO DA ÁGUA:

Angola: Angorô, Angoromeian, Anvulá

Jêje: Bessén

Ketu: Oxumarê.

Entidade simbolizada pelo arco-íris, pela serpente que, mordendo a sua própria cauda, forma um círculo. É a continuidade. Tem ligação com a chuva caindo sobre as águas da terra e sendo levada ao céu e é o ciclo de continuidade da água que alimenta os cursos e fontes de água na terra. Pela sua ligação com a chuva, é também chamada, na Nação Angola, de Anvulá (mvula = chuva).



J. Cunha

9. ENTIDADE DA GERAÇÃO, DA PROCRIAÇÃO, DA PACIFICAÇÃO:

Angola: Lemba, Lembarenganga, Lembafurama

Jêje: Olissa

Ketu: Oxalá, Oxaguiã, Oxalufã

A principal ação da entidade é a criação de todas as coisas. É o Pai de todas as entidades. Está ligada à fertilidade e à procriação. Simboliza a paz, a reunificação, a calma. Tem o domínio das águas puras, limpas e da serenidade. É a entidade da purificação. A sua dança é muito devagar, como se estivesse escutando cada dos seus muitos filhos com muita paciência.



J. Cunha

10. ENTIDADE, ENERGIA DAS TEMPESTADES, DOS VENTOS, TROVOADAS:

Angola: Bamburussema, Angorussema, Kaiango

Jêje: Oya

Ketu: lansã

Entidade feminina. A senhora dos ventos, das tempestades e do fogo. Tem o domínio sobre os mortos. Na Nação Ketu, conta-se que lansã é a guerreira companheira de Ogum e dele herdou o exercício da espada. De Xangô, ela herdou o domínio sobre o fogo.



J. Cunha

11. ENTIDADE DAS ÁGUAS, DOS LAGOS, DAS FONTES, DOS RIOS:

Angola: Dandalunda, Kissimbi kiamaza

Jêje: Aziri Tobossi

Ketu: Oxum

É a dona das águas doces. É a entidade da beleza e também da riqueza. A mãe da fertilidade. É a protetora dos fetos, dos recém-nascidos e das crianças pequenas. A sua dança lembra a paciência e a suavidade de um rio que não tem pressa de chegar ao mar.



J. Cunha

12. ENTIDADE DAS ÁGUAS, DO MAR, DOS PEIXES:

Angola: Kaiála, Kaiarê

Jêje: Aziri Kaiá

Ketu: Yemanjá

A entidade tem o domínio das águas, sobretudo das águas do mar. Está, também, ligada à fertilidade. O mar é a sua morada e tudo que nele existe, lhe pertence. À entidade é confiada a educação, o ensinamento dos passos corretos na vida, a sabedoria para enfrentar momentos difíceis. A sua principal ação é a Maternidade.



J. Cunha

13. OS GÊMEOS:

Angola: Mabaça

Ketu: Ibeji

O povo de Candomblé tem muita fé na força dos "Mabaça". Aqueles que conviveram juntos antes de nascer, que se apresentam sempre juntos, em forma de dois meninos. Não se fala muito do porquê, mas todos os respeitam e lhes prestam grandes homenagens. Nos terreiros encontram-se "assentamentos" que lhes correspondem.



J. Cunha

14. ENTIDADE CRIANÇA:

Angola: Vunji

Jêje: Bèji

Ketu: Erê

Entidade com características infantis que se manifesta sobretudo durante o período de reclusão de iyaô, muzenza e nos momentos de transição entre a desincorporação do orixá, vodum ou inkissi e o retorno à consciência da pessoa. Isso ocorre principalmente nos iniciados mais novos.

1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

05

A dimensão religiosa do Ilê Aiyê

Maria de Lourdes Siqueira

A casa onde surge o Ilê Aiyê é também a sede do Terreiro do Ilê Axé JITOLU, sob o comando de Mãe Hilda JITOLU que, no ano de 1994, completou 50 anos de iniciada no Candomblé.

50 anos de culto no Candomblé

50 anos de fé no Candomblé

50 anos de dedicação aos Orixás.

Zelando e preservando a cultura negra

De cuidado às cabeças, vidas e destinos

De filhas e filhos.

Mãe Espiritual. A multidão Ilê Aiyê sob a sua proteção. Fonte de Sabedoria. Silenciosa, guarda o segredo que lhe foi confiado há 50 anos, Jitolu do Curuzu. De toda Bahia. A seus pés depositamos a esperança de um MUNDO MAIS HUMANO E PLURAL. DO CARTÃO POSTAL EM HOMENAGEM AOS 50 ANOS DE VIDA RELIGIOSA DE MÃE HILDA.

A. Contexto em que foi criado o Ilê Aiyê O Ilê nasce no interior de um Terreiro de Candomblé, o Ilê Axé Jitolu. Historicamente, o contexto em que o Ilê Aiyê foi criado faz parte de diferentes manifestações de protesto social na África, nas Américas, no Brasil e na Bahia. Em Salvador, aumentam os Terreiros de Candomblé, surge o Tropicalismo, o Bloco Apaches (tomando como referência os índios americanos) e, em 1974, nasce o Ilê Aiyê, explicitando a questão étnica no processo de afirmação de uma identidade cultural, de origem africana, reconstruída.

A origem mais profunda do Ilê Aiyê na fala de seu Presidente e fundador, Antônio Carlos dos Santos Vovô. É a Mãe África em busca de uma nova forma de viver.

B. Origens religiosas do Ilê Aiyê As raízes do Ilê Aiyê estão marcadas pelas organizações religiosas tradicionais

de resistência negra na Bahia: os Terreiros de Candomblé, As Irmandades Religiosas de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, os Quilombos e a Sociedade Protetora dos Desvalidos, além dos Afoxés, que também apresentam um conteúdo simbólico-religioso.

C. Objetivos Essenciais do Ilê Aiyê Encontro de pessoas que querem viver sua cultura, buscar suas raízes africanas, afirmar-se enquanto ser humano, ampliar a realização de suas potencialidades e assumir um modo de vida diferente, com autoestima, dignidade e cidadania. Estes objetivos contém uma dimensão religiosa na maneira de encarar e assumir a vida, sem perder de vista a dinâmica da história, onde os fenômenos do cotidiano se realizam.

O Ilê incorpora seus objetivos através da letra de seus cantos, seu ritmo, suas fantasias, suas alegorias reinventadas a cada ano.

Nesse sentido, cada associado busca no Ilê Aiyê e reencontra no seu bloco um lugar privilegiado para encontrar-se e expandir-se com beleza, com alegria e organização “com o coração na África”.

Estando juntos, com familiares, com amigos, estabelecendo novos conhecimentos, ampliando o ciclo de relações, cada participante assume, no coletivo, a consciência de que **o pertencimento ao Ilê Aiyê** reforça e define sua identidade Negra, com autoestima e cidadania, expresso no seu desejo de ser reconhecido, pelo valor da sua própria dignidade. “Ser Ilê é ser Feliz”. Essa felicidade tem também uma dimensão mítica, simbólica, religiosa.

D. Estrutura do Ilê Aiyê os eventos aos quais nos referimos marcam a Cidade de Salvador com a ação da “CARA PRETA” do **Ilê Aiyê**, oferecendo composições, letras específicas de canções, percussão, dança étnica, através de apresentações públicas construídas com a participação de seus membros:

- ◆ **A Diretoria** da qual fazem parte Mãe de santo, Ekedis e Ogans.
- ◆ **Associados** entre os quais também encontramos pessoas de Candomblé em funções: Ogans, Ekedis, filhas e filhos de Santo.
- ◆ **Compositores** da cidade que estudam o tema de cada ano e compõem para apresentar-se no **festival de músicas do Ilê Aiyê**.
- ◆ **A Banda Aiyê** construída por profissionais de percussão, tem seu ritmo básico inspirado no Candomblé.
- ◆ **A Band’Erê** percussionistas-mirins na faixa etária de 7-14 anos, também participam de toques de Candomblé, e alguns deles já têm o direito de tocar no Terreiro de Mãe Hilda Jitolu.
- ◆ **A Ala de Canto** constituída por cantores profissionais, levam ao público o ritmo, a musicalidade e a sonoridade dos fundamentos do Ilê.
- ◆ **O Grupo de dança** dançarinos especializados no ritmo ijexá e seus desdobramentos, criados pelo Ilê Aiyê.

Todos estes núcleos incorporam um sentido de religiosidade afro-brasileira nos princípios, nos valores que se traduzem, no designer e nas cores dos tecidos, no jeito de pentear os cabelos, de organizar a saída do bloco, levando a ancestralidade, pedindo passagem, confirmando o destino de todos e de cada pessoa.

Outras Dimensões Essenciais do Ilê Aiyê que integram o religioso

E. A Diretoria do Ilê tem uma dimensão religiosa.

A Diretoria constitui a instância decisória da organização, com 17 Diretores, incluindo-se o Presidente e o Vice-Presidente. A Iyalorixá, mãe Hilda jitolu, integra a Diretoria assumindo dinamicamente funções específicas:

- ◆ Organiza o ritual da saída do Bloco no sábado de Carnaval e o realiza com cortejo de suas Filhas de Santo, abençoando a diretoria, aos associados, a banda, a ala de canto, a rainha, o rei, jornalistas, fotógrafos, compositores presentes e todos os que acompanham o cortejo, provenientes da Cidade.
- ◆ É fundadora e diretora da Escola Mãe Hilda, que atende às crianças do bairro do Curuzu, incluindo filhos da comunidade, integrando o Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê.
- ◆ Contribui para a realização dos eventos formais: Beleza Negra, Carnaval, Mãe Preta, Novembro Azeviche e Festival de Músicas.
- ◆ É personagem central do evento Semana da Mãe Preta, onde se homenageia, na pessoa de mãe Hilda, a mulher negra brasileira e suas lutas pelas transformações sociais, culturais e religiosas do país.

F. Os Eventos do Ilê Aiyê

O Ilê apresenta-se ao público constituído pelo seu quadro de Diretoria, Associados, Amigos do Ilê, aqueles que dizem: “eu também sou Ilê”, em diferentes momentos, ao longo no civil, que constituem os Eventos do Ilê Aiyê:

1. **A Festa da Beleza Negra, Início do ano** - Jan/Fev.
Beleza que é também apresentada sob forma de indumentária, ritmos, danças, gestos inspirados nos Orixás: Iyemanjá, Oxalá, Obaluaê, Ogum, Oxum, Iansã, Oxossi, Nana, Oxumaré, Ossain.
2. **O Carnaval** - Fev/Março. A saída do bloco no 1º dia de Carnaval é precedida de um ritual de Candomblé.
3. **A Semana da Mãe Preta** - Setembro, homenageia diretamente a Iyalorixá Mãe Hilda; uma das comemorações se realiza no barracão do Ilê Axé Jitolu.
4. **Novembro Azeviche** - o aniversário do Bloco. O conjunto das manifestações conta com a presença e a bênção de mãe Hilda.
5. **O Festival de Músicas que prepara o Carnaval**. As músicas também falam dessa dimensão religiosa, explicitamente falando de mitologias, símbolos e rituais inspirados na civilização africana hoje reconhecida no Continente de origem e na Diáspora.

F. A História do Povo Negro Contada nos tecidos do Ilê Aiyê pelo designer J. Cunha

- ◆ Adornados de Búzios Rituais
- ◆ Abedé de Oxum
- ◆ O Machado de Xangô
- ◆ O Peixe de Iyemanjá
- ◆ Ofá de Oxossi (símbolo de caçador)
- ◆ O Ofá de Logum - Edé
- ◆ O Eiru de Iansã
- ◆ O Opaxoró de Oxalá
- ◆ A Espada de Ogum
- ◆ O Xaxará de Obaluayê

G. As fantasias envolvendo modelos criados em tecido, palha da costa, búzios, adereços, contas pela criação artística de Déte Lima, filha de Oxum.

H. Os turbantes e trançados relembram as cabeças dos filhos de Orixás igualmente recriados por Déte Lima.

I. As Letras das Músicas

Transformam estigmas em positivities: Coragem, Trabalho, Organização, a Beleza de Mulher Negra, Confiança, Autoestima, Fé na Vida, Fé nos Ancestrais.

Revivem-se valores culturais, sociais, religiosos.

As cantigas do Ilê Aiyê homenageiam à Iyemanjá, Oxossi, Xangô, Ogum, falam de Candomblé - Religião, Roma Negra, Orixalá, Irmandade da Boa Morte, Rosário dos Preto, dos Erês.

*“Impar é o Ilê, vinte e um fundamentos de Ogum”,
“Ode Comorodé, Odé aré ré”
“É Kossi Obá. Afin Olorum”
“Olorum baixa pra ver
É caia”.*

Concluindo

O Ilê Axé Jitolu e o Ilê Aiyê

1. São duas entidades distintas, mas são complementares do ponto de vista dos princípios da busca de identidade da vivência de valores.
2. Os membros do Terreiro e do Ilê Aiyê ao mesmo tempo são pessoas que trabalham e fazem parte da sociedade abrangente (necessidade de trabalhar para sobreviver);

vivem pautados em valores que acreditam vir da África distante (Séc. XVI ao Séc. XIX), transplantados e reinventados no Brasil.

3. No Ilê Axé Jitolu, essas pessoas que são filhas e filhos de santo, Ekedis e Ogans fazem parte da família do Ilê Aiyê pela extensão do trabalho de Mãe Hilda, enquanto Iyalorixá do Terreiro, mãe espiritual e diretora do bloco, fundadora da Escola Mãe Hilda e mãe espiritual dos meninos da Banda Erê que passam o dia sob os seus próprios cuidados, juntamente com os educadores do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê e do Projeto Axé.
4. São métodos de trabalho do Ilê Aiyê:
 - ◆ a pesquisa da tradição e do cotidiano a partir das comunidades e organizações negras.
 - ◆ a transformação da história, cultura e traços civilizatórios em letras de música; em ritmo próprio; em design sobre tecidos; em modelos próprios de fantasias; em alegorias; em personagens históricas afro-baianos contemporâneos; deusas do Ébano; rei do bloco; dançarinas com base em ritmo ijexá; a família (valores); a solidariedade; a partilha; a troca; o respeito aos mais velhos; o respeito à tradição; o cultivo à tradição e a vida em comunidade.

O objetivo deste texto é mostrar como o Ilê Aiyê incorpora suas dimensões religiosas a partir da crença na ancestralidade, tomando princípios e valores que constituem um universo que se busca numa visão de mundo diferente, enriquecida pela tradição das civilizações africanas aqui reconstruídas.

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

06

Religião: religare — diversas formas de união ao mesmo criador

Ana Célia da Silva

A espécie humana na sua necessidade de transcendência à existência terrena vem tentando, através dos tempos, comunicar-se com o Ser Supremo, criador de todas as coisas.

Essa comunicação é feita através das religiões ou religare-religo ou seja, comunicação com o Criador.

Religião é religo, ou seja, uma forma de comunicação com o Criador Supremo e/ou seus intermediários, em algumas dessas religiões, como a católica, as afro-brasileiras, as indígenas, entre outras.

As diversas formas de religião diferem entre si de acordo com as diversas culturas que as originaram, porque são diversas as manifestações culturais dos diversos povos, ou seja, há caminhos diversos para alcançar uma mesma finalidade, a união com o Supremo.

Não existe, conforme o senso comum internalizou nas pessoas, um antagonismo entre religião e seita.

Consideram-se seitas as religiões de poucos adeptos ou fiéis e, igrejas, as religiões de muitos adeptos ou fiéis. Logo, todas as formas de comunicação ou de religo podem ser consideradas religiões. A nomeação de seitas às religiões dos povos de origem africana e indígena, entre outras, não passa de etnocentrismo, ou seja, tomar como modelo de comparação a sua cultura e os seus valores, considerando tudo que seja diferente deles como desigual ou inferior.

Mecanismos construídos com objetivos de fragmentar a identidade e promover a baixa auto-estima hierarquizam as religiões em superiores e inferiores e algumas delas se auto elegem como o único caminho, a mão única de acesso ao Criador.

Nas escolas, as crianças que têm valores culturais diferentes, recebem como educação religiosa, na maioria das

**ESSA COMUNICAÇÃO
É FEITA ATRAVÉS
DAS RELIGIÕES OU
RELIGARE-RELIGO, OU
SEJA, COMUNICAÇÃO
COM O CRIADOR.**

vezes, valores que não contemplam a diversidade religiosa e a riqueza das diferenças culturais. A predominância das religiões de origem europeia em educação religiosa, ensinadas sob forma de catequeses e não de apreciação histórica e cultural de todas elas, tem contribuído para uma fragmentação da fé que a criança traz do seu grupo familiar e cultural, tornando-a confusa e muitas vezes internacionalizando a imagem idealizada negativa que a escola expande da sua religião de origem.

Religião é de foro íntimo, familiar e cultural.

A imposição de uma só matriz religiosa é violência simbólica contra os povos que não têm prevalência política para colocar seus conteúdos e significados nos currículos de ensino das nossas escolas.

Cabe às instituições religiosas que estão fora da educação oficial e a todas as organizações democráticas, exigir que a pluralidade cultural colocada pelo Ministério da Educação e Cultura, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), contemple a diversidade religiosa nos currículos, bem como que essa pluralidade não seja tratada como Tema Transversal e sim como Conhecimento Universal, contemplada no núcleo comum curricular.

bibliografia

Azevedo, Stella. *Meu Tempo é Agora*. Ed. Oduduwa, São Paulo, 1993.

Braga, Júlio. *Na Gamela do Feitiço - Repressão e Resistência nos Candomblés da Bahia*. EDUFBA, Salvador, 1995.

Santos, Hilda Dias. *A História da Minha Vida*. Salvador, 1996.

Santos, Jocélio Teles. *O Dono da Terra - O Caboclo nos Candomblés da Bahia*. Ed. SarahLetras, Salvador, 1995.

Santos, J. E. *Os Nagô e a Morte: Pàde, Àsèsè e o Culto Egun na Bahia*. Vozes, Petrópolis, 1976.

Siqueira, Maria de Lourdes. *Os Orixás na Vida dos que Neles Acreditam*. Mazza Edições, Belo Horizonte, 1995.

créditos da edição 2025

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Reitora: Georgina Gonçalves Dos Santos • **Vice-Reitor:** Fábio Josué Souza Dos Santos • **Pró-Reitor de Extensão e Cultura:** Danillo Silva Barata • **Coordenação de Cultura e Universidade:** Fabiana Comerlato • **Coordenação de Extensão Universitária:** Maria Da Conceição De Menezes Soglia

Anjo Negro Selo Editorial

Editor: Danillo Barata • **Editora Executiva:** Iansã Negrão • **Coordenação:** Morgana Miranda • **Revisão:** Joana Rizerio • **Tratamento de Imagem:** Roberto Abreu • **Digitalização dos Textos:** Leandro Sales • **Projeto Gráfico:** Iansã Negrão/ Casa Grida • **Design:** Iansã Negrão, Morgana Miranda & Isabella Coretti • **Produção Executiva:** Robson Oliveira • **Restauração:** Morgana Miranda e Rex

ISSN 2236-6784
e-ISSN 2764-5878

Permite-se a reprodução das informações publicadas, desde que sejam citadas as fontes

créditos da edição original

Projeto de Extensão Pedagógica
Caderno de Educação do Ilê Aiyê

Vol. 4 – A Força das Raízes

Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê

Diretoria

Hilda Dias dos Santos (Mãe Hilda)

Presidente: Antônio Carlos dos Santos Vovô

Vice Presidente: Aliomar de Jesus Almeida

Coordenação: Arany Santana • Jônatas
Conceição da Silva • Paulo César da Costa
Cerqueira **Assessoria Geral ao Projeto:**
Samuel Aarão Reis **Educadores:** Ana Célia da
Silva • Jaime Sodré • Jorge Conceição • Maria
de Lourdes Siqueira • Valdina Pinto **Capa e
Ilustrações:** J. Cunha **Composição/Arte Final:**
Edinalva Folha • Gioselito Souza **Impressão:**
Neográfica (386-2670) **Nossos Parceiros:**
CEAO/UFBA - Centro de Estudos Afro-Orientais
da Universidade Federal da Bahia • CESE-
Coordenadoria Ecumênica de Serviço •
Fundação Odebrecht • Grupo Ultra-Brasilgás
• Secretaria Municipal de Educação •
Secretaria Estadual de Educação • UNICEF

End. Rua do Curuzu, 233, Liberdade

CEP 40305 000, Salvador • Bahia

Telefax 71 241 4969



PROexc

PROJETOS DE EXTENSÃO E CULTURA

UFB

Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia

TI PALMARES
FUNDAÇÃO CULTURAL

MINISTÉRIO DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO